

A RELEVÂNCIA DO CONGADO NA LUDICIDADE INFANTIL: CULTURA, IDENTIDADE E RELIGIOSIDADE NO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA - MG

Camila Rezende Oliveira
Anderson Oramisio dos Santos

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

milarezendeoliveira@gmail.com

oramisio@hotmail.com

Resumo:

O presente artigo trata à respeito da relevância do Congado e sua contribuição nos aspectos que se referem a ludicidade na Educação Infantil. O objetivo principal foi apresentar um breve ensaio teórico sobre o assunto demonstrando a relevância do tema tanto na formação docente como na utilização nas escolas de educação básica. Esse estudo se justifica pela necessidade de conhecer teoricamente o estudos dessa área e também permitir que tais concepções contribuam de maneira efetiva não somente no contexto de sala de aula como também e principalmente em toda a comunidade escolar. A metodologia de estudo utilizada consistiu em uma pesquisa de natureza bibliográfica fundamentada principalmente em autores como Brasileiro (2001), Cascudo (2001), Alcântara (2008) dentre outros. Desse modo, percebe-se que mesmo com tantos trabalhos na área das relações étnico raciais evidencia-se a escassez do tema no que se refere a formação docente e a falta de bibliografia nos documentos oficiais sobre o assunto, sinalizando assim um discurso vazio e a falta de estudos mais a fundo para partilhar aos docentes desse nível de ensino.

Palavras-chave: Congado. Educação. Manifestação cultural.

Introdução

O objetivo desse trabalho foi contribuir com a ludicidade infantil por meio do Congado, retratando este como tradição e festa popular e religiosa. O Congado como tradição, ressalta o fundamento de que a criança necessita fortalecer a sua identidade Afro-Brasileira. Foi estruturado que na lei 10.639, que as relações étnico – raciais assim como também suas demais características seja ministrado no ensino básico. Ao pesquisar os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) encontrou-se no livro sobre Pluralidade Cultural, que trata da importância de se trabalhar essas as manifestações religiosas tanto na Educação Infantil como na Educação Básica de modo geral.

Para além das Políticas públicas, no levantamento bibliográfico encontra -se os seguintes pesquisadores que forneceram o embasamento para essa reflexão: a) Fabiola

Benfica Marra que em sua obra *Álbum de Família* (2005) discorre sobre as famílias afrodescendentes no século XX em Uberlândia-Mg; b) Claudelir Corrêa Clemente e José Carlos Gomes da Silva em sua obra *Negros, cultura e vida urbana: estudos etnográficos sobre o Congado* (2013); c) Jeremias Brasileiro com as obras *Cultura Afro-brasileira na Escola: o Congado em Sala de Aula* e *Congado de Minas Gerais* (2010); d) Cairo Mohamad Ibrahim Katrib, Guimes Rodrigues Filho e Vânia Aparecida Martins Bernardes com a obra *História e Cultura Afro-Brasileira* (2010); e) Ana Paula Alcântara com a obra *Congos, Moçambique e Marinheiros: Olhares sobre o Patrimônio Cultural Afro-Brasileiro de Uberlândia* (2008); f) Luís da Câmara Cascudo com sua obra *Dicionário do Folclore Brasileiro* (2001); h) Juliana de Vasconcelos, com sua dissertação de mestrado denominada *Congado: Uma Celebração do Hibridismo Afro-Brasileiro* (2007); i) Larissa Oliveira Gabarra com seu texto *Congado de Uberlândia: relíquias e memória* (2006), que é um documentário rico em informações sobre o congado em Uberlândia.

Diante de tais perspectivas, justifica-se uma investigação científica com o intuito de disponibilizar o acesso e entender à respeito do Congado e suas linguagens na Educação Infantil, a fim de fornecer as informações e análises teóricas no decorrer do artigo sobre a ludicidade da mesmo, oferecendo aos professores e à comunidade científica um olhar específico sobre o assunto.

A Ludicidade da Criança na tradição de Congado em Uberlândia: aspectos formativos da criança

A denominação da festividade do Congado vem muitas vezes confundida com outras denominações festivas, tais como festa do Divino, Folia de reis, Reisado.

De acordo com Cascudo (2001, p. 149) no dicionário do folclore brasileiro, o termo Congado, a Congada, o Congo, aparecem como sinônimos, e é definido como um "folgado de formação afro-brasileira, em que se destacam as tradições históricas, os usos e costumes tribais de Angola e do Congo, com influências ibéricas no que diz respeito a religiosidade". Dando continuidade a essa definição, o autor acrescenta que:

Trata-se de um auto que reúne elementos temáticos africanos e ibéricos, cuja difusão vem do século XVII. As congadas com representação teatral focalizam sempre na luta entre, mouros e cristãos terminando com a vitória dos cristãos e a conversão dos mouros, que são batizados no final. Há congadas no Norte do Brasil, no Centro-Sul e em diversos estados do Nordeste, com variantes locais. Têm como padroeiros Nossa Senhora do

Rosário, São Benedito e Santa Efigênia e geralmente se apresentam nas festas dos Santos ou no mês de maio. (CASCUDO, 2001, p. 149).

Ainda de acordo com o autor, além das diferentes vestimentas, os participantes da Congada diferenciam com diversos instrumentos e cantorias, fazendo sempre a adoração ao santo, suas danças contagiantes em reverência a Nossa Senhora do Rosário, que simboliza a padroeira dos pretos, que sofreu concorrências com outros santos pretos como São Benedito e Santa Efigênia. (Cascudo, 2001) ressalta que a imagem de Nossa Senhora do Rosário era, às vezes, pintada de negro, como que instintivamente num ato de "solidarismo racial". Este autor apresenta os elementos do congo carregados de ostentação como vemos a seguir:

Os Congos formam dois grupos: do Rei Congo e do embaixador da Rainha Ginga, o qual, por meio de diálogos, realiza as embaixadas. Figuram no séquito príncipes, ministros, o general da rainha. Os figurantes, com seus adornos multicoloridos, cantam, dançam e reproduzem o entrecchoque das armas conhecido como *dança das espadas*. As melodias são executadas por viola, cavaquinho, violão, reco-reco, pandeiro, bumbos, triângulo, sanfona, instrumentos que dão o ritmo de cada passagem. (CASCUDO, 2001, p. 150).

Para Marra (2005), "o congado é um ritual afro-brasileiro que nasce dos cortejos de coroação de reis, do culto aos ancestrais africanos e das celebrações de santos da Igreja Católica" (p. 7). Relata que este ritual se diferencia de regiões para regiões do Brasil. Por exemplo, no estado de Minas Gerais, é "fundamentado no mito da aparição e resgate da imagem de Nossa Senhora do Rosário", enquanto que no estado do Paraná, o ritual se baseia num "manuscrito intitulado Dia Solene, de propriedade do Rei Congo passado de geração para geração, onde as falas e as coreografias tradicionais do ritual reconstituem um fato histórico". Este fato é relatado pela autora como "um mal entendido entre a corte do Rei Zumbi Ganaiame, do Congo e a Embaixada da Rainha Ginga do Reino de Meicola, na Angola". (IDEM).

O ritual como é colocado pela autora, é uma homenagem ou adoração aos santos, tais como Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Nossa Senhora Aparecida. Outros santos também são homenageados como Nossa Senhora da Abadia, Nossa Senhora da Guia, São Domingos, etc.

Sobre a relação dos negros com Nossa Senhora do Rosário, Clemente e Silva (2013) informam que esse louvor a santa tem raízes no catolicismo. Tendo sido a religião católica um instrumento de apoio a colonização portuguesa no Congo no século XV, faz sentido a partir daí, a relação entre africanos e a religião cristã.

Clemente e Silva (2013) apresentam, em seus trabalhos de pesquisa, toda a trajetória da congada no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, sua visão sobre o congado vem a ser o de uma prática cultural central na festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário que se expressa nas ruas e praças ao longo do ano. Eles destacam três elementos simbólicos que permeiam o congado.

O primeiro é a simbologia das águas: "as narrativas colhidas nos permitiram situar recorrente citação das águas como um símbolo da diáspora escravocrata, cujo primeiro desafio, do ponto de vista dos africanos, foi o enfrentamento do oceano". (CLEMENTE e SILVA, 2013, p. 40).

O segundo elemento ou segundo aspecto fundamental do rito congadeiro é o rei negro e as Irmandades, conforme explicam a seguir os autores:

A coroação de rei negros e a organização de irmandades negras fixaram-se como expressão simbólica da reorganização política em face aos desafios colocados no interior do sistema escravocrata. Os africanos tiveram de elaborar formas institucionais que lhes assegurassem uma existência minimamente humana no interior de um sistema que os coisificava e os reduzia a simples mercadorias. A nossa hipótese é que Rei Negros e as Irmandades Negras foram estratégicos na reelaboração das identidades políticas dos africanos escravizados. (CLEMENTE e SILVA, 2013, p. 40).

Finalmente, o terceiro elemento simbólico considerado central no congado é o rito propriamente dito, ou seja, os três dias em que a festa transcorre. "O evento instaura rupturas com a vida ordinária, estabelecendo um estado de *communitas* peculiar aos processos rituais analisados pelos antropólogos em diferentes contextos religiosos". (IDEM, p. 40-41).

Martins (1997, apud MARRA, 2005, p.7) afirma que "na cultura africana mostrava-se inconcebível, e continua sendo, que se fizesse qualquer separação entre a música, a dança, a canção, o artefato e a vida do homem ou sua adoração aos deuses", entretanto, para efeitos didáticos falaremos de cada aspecto da manifestação do congado, em separado, mas sem perder sua relação com o todo.

Sobre a música, esta se constitui num importante meio de transmissão da sabedoria dos mais velhos e de educação das novas gerações. No congado prevalece o canto antifonal, isto é, um solista, geralmente o Primeiro Capitão, apresenta o tema e o coro responde. O Segundo Capitão com seu bastão e apito rege o ritmo dos tambores; cada capitão "puxa" uma série de cantigas que podem ser elaboradas por ele ou pelo grupo e ainda outras aprendidas com outros ternos ou com os antepassados. Algumas músicas são "tradicionalistas" do terno, passadas de capitão para capitão. Outras são específicas de cada guarda ou soldado. Existem também cantorias que são consideradas "segredo" que não podem ser reveladas para "os de

fora” e que são aprendidas e “guardadas no coração”, só sendo executadas em cerimônias reservadas. (MARTINS, 1997, p.125, apud MARRA, 2005, p.7).

Sobre as vestimentas, cada terno se diferencia do outro nas cores das roupas e dos acessórios, nas “batidas” e pelos ritmos das músicas e na forma da dança. Cada terno possui um ritmo “tradicional”, podendo ser identificado pela “batida”, e pela coreografia. Para alguns autores, a escolha das cores apresenta um sentido místico, assim como a escolha dos instrumentos, dos acessórios e dos ritmos. Outros já veem nesses elementos apenas traços distintivos dos ternos. Essas vestimentas e acessórios dos participantes da festa somente são usadas nos dias das festas ou em apresentações culturais.

Toda festa do congado é precedida de uma campanha de arrecadação de dinheiro ou alimentos que são revertidos para os ternos. Conforme dizem Clemente e Silva (2013) o ritual da festa se realiza em etapas. No primeiro dia que coincide com o sábado, ocorre hasteamento do mastro na Igreja do Rosário, simbolizando o início da festa. É aí que os grupos percorrem a cidade e recebem convidados para um almoço coletivo.

No segundo dia acontecem as visitas nas casas das pessoas que solicitaram a presença dos *ternos* e ocorre a "busca do rei". No final da tarde acontece o cortejo religioso que põe fim às festividades. (CLEMENTE e SILVA, 2013).

Durante a campanha, os participantes não fazem uso das vestimentas típicas da festa, deixando para as ocasiões especificadas anteriormente. Cada terno possui um estilo de vestimenta ou vestimenta, diferenciando pela cor e modelo, sendo que alguns ternos são conservadores, mantendo a tradição, já outros são mais liberais, deixando com que as meninas da bandeira escolham roupas da moda, porém estas roupas devem estar abaixo do joelho e não podem ser decotadas. Toda esta preocupação justifica-se pelo respeito a festa e aos santos ali homenageados.

Os soldados – homens ou mulheres que tocam os instrumentos – utilizam-se de vestimentas padronizadas; tais vestimentas sofrem mudanças de modelo a cada quatro anos. Os ternos que possuem capa variam somente a capa e o desenho. Algumas vestimentas possuem elementos identificadores dos ternos, como a capa azul com bordado de âncora do Marinheirão, ou as faixas azul e rosa do Catupé do Martins e suas coroas.

De acordo com Alcântara (2008) a congada é um ritual híbrido que agrega a coroação de reis negros, o culto aos santos católicos, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Este ritual organiza-se no interior das Irmandades Religiosas e em função de um mito fundador que envolve a aparição de uma santa, no período da escravidão, que rejeita os louvores e a capela construída pelos brancos, mas se encanta com as adorações dos escravos, e por isso é

considerada protetora do povo negro. A festa de congado no Brasil tem seu registro em meados do século de XVIII, tendo sido integrada ao calendário do catolicismo. Esta tradição é mantida nas regiões do sudeste, sul e parte do centro-oeste.

Em determinados locais, o rito é marcado por uma parte dramática, a Embaixada. Esta tem a função de receber os ternos, encaminhar as bandeiras desses ternos até o altar. Simbolicamente em alguns casos na época, os reinos negros em conflitos, negociavam desavenças políticas. A Embaixada envolve negociações entre representantes da Rainha Ginga, símbolo da resistência ao domínio colonial português em Angola; em outros, dramatiza conflitos entre cristãos e mouros. (ALCÂNTARA, 2008).

Sobre a origem do congado, Filho (2010, p.51) ressalta que “ao longo de mais de trezentos anos, milhares de africanos foram trazidos para diversas regiões do país no contexto da escravidão como única força de trabalho em grande escala.”

Katrib (2010), demonstra de forma lúdica que o Congado no Brasil iniciou-se com a curiosidade do fidalgo senhor em relação ao que os negros faziam ou vivenciavam na senzala, ele tinha interesse em revelar os segredos desses negros. Em função disso, reuniram-se os padres para "colher" os segredos. Este autor afirma ser o congado "uma manifestação festivo-devocional da cultura brasileira" (2010, p. 16). Continua dizendo, citando Cascudo (1985) que essa manifestação "se desenvolveu pelo Brasil desde o início da colonização partindo das regiões litorâneas para o interior, acompanhando o processo de escravidão e a exploração econômica do território brasileiro". (KATRIB, 2010, p. 16).

Entre as tentativas de segregação entre o mundo branco e o mundo negro, a Igreja Católica criou as irmandades de negros, sendo a mais antiga e conhecida a de Nossa Senhora do Rosário, 1586. O objetivo da Igreja, assim como do poder temporal, era segregar, dificultando inclusive o livre contato entre povos de diferentes nações negro-africanas. (KATRIB, 2010 p. 70).

O Brasil foi o país que mais recebeu africanos na condição de escravos do comércio e do tráfico transatlântico. Os primeiros povos negro-africanos a chegar, foram os Bantos ou Bantu que influenciaram de forma definitiva na formação socioeconômica. Estes tinham em suas bagagens o conhecimento e experiências em diversas técnicas e ofícios de trabalho, fundamentais para formação econômica do Brasil. (MARTINS, 1997).

Na percepção dos autores a manifestação festivo-devocional da cultura brasileira, que é realizada na maior parte associada as celebrações em homenagem aos santos de devoção negra, como Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, dentre outros observa-se que a manifestação desenvolveu no Brasil no início da colonização. Ao longo do tempo o congado

era firmado como prática cultural popular, mesmo que para poder público e para alguns segmentos sociais ainda seja mera encenação folclórica paralisada no tempo e no espaço, sendo assim, assume em sentido no espaço. Sendo assim, assume um sentido próprio em cada lugar onde a prática religiosa é representada, dando varias sentido para manifestação em seus cristãos e mouros.

Seria o momento para que os devotos e participantes do congado possam fazer uma reflexão do processo e conflitos da escravidão, por fim tendo uma relevância na importância no acontecimento e afirmação da identidade negra entre seus praticantes.

O resgate das informações sobre os rituais afro não é uma tarefa fácil. Segundo os documentos materiais não são mais as únicas fontes de interesse para documentar uma região ou um período. Uberlândia é carente de fonte concisas que registram as manifestações dos afrodescendentes. Grande parte da sociedade uberlandense e brasileira é composta por afrodescendentes, mas os museus e acervos públicos contem pouca ou nenhuma informação ao seu respeito. Em alguns casos restringe-se apenas a afirmações sobre o uso da mão-de-obra escrava como se estes sujeitos não tivessem trazido consigo da África, diversos conhecimentos e particularidades culturais igualmente importantes. (MARRA, 2005).

Após muitos anos de luta o Congado conquistou o reconhecimento de parcela da sociedade e das autoridades enquanto práticas identitárias brasileiras. Mas ainda a religiosidade dos povos afro é tida como "demoníaca", relata Marra (2005), suas crenças e conhecimentos populares como credices e superstições. É preciso despertar a sociedade para a realidade e beleza dessas práticas. (IDEM).

Em relação ao Congado, especificamente, o movimento foi inverso do dialeto Kalunga. Enquanto esse último "desenvolveu-se secretamente, e cujos falantes situam-se nas zonas rurais e garimpos, o congado deixou os pequenos povoados e se instalou em definitivo na zona urbana". (IDEM, p. 40).

Segundo Marra (2005) os negros africanos foram trazidos para o Brasil a bordo de navios negreiros, trazendo com eles a saudade, as lembranças e recordações de seus familiares e de seu país, tendo sido arrancados repentinamente do seu contexto, do seu lugar, das pessoas queridas. Trouxeram consigo a devoção, a fé no culto e ritos de suas variadas regiões. Mesmo com suas devoções os negros escravos, eram barrados pelos senhores de escravos, que não lhes permitiam expressar sua própria religião, sendo obrigados a se cristianizarem e deixarem de lado suas religiões de modo que seguissem somente as doutrinas do catolicismo. Segundo Brasileiro (2001, p. 38):

E foram os escravos que criaram a Irmandade do Rosário e de São Benedito dos Homens de Cor em Uberlândia; enquanto registro oficial traz a data de julho de 1916 e o nome de Irmandade do Rosário de Uberabinha e o seu primeiro Mordomo (presidente) foi Firmino José Martins, depois o Sr. Manoel Francisco.

Segundo os relatos de congadeiros a festa teve início no final do século XIX, por volta de 1870 em Uberlândia, através do Sr. André, onde reunia grupos de negros da região do Rio das Velhas, Olhos D'água, que naqueles momentos de encontros saíam batendo caixas, conscientização dos sujeitos de suas próprias histórias. (MARRA, 2000, p. 7). A História passou por muitas mudanças (uma dessas mudanças seria a libertação dos escravos) os negros libertos resolveram dar continuidade ao rito, transformando a devoção e fé, em Festa Do Congado, sendo realizado na cidade.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em Uberlândia, possui uma estrutura funcional complexa, além de ter uma presidência hereditária questionada, os ternos só recebem carta de comando- espécie de ordem para participar dos festejos – se estiverem filiados á mesma, as guarda que conseguem registros em cartórios, participam do reinado sem o aval da Irmandade. (BRASILEIRO, 2001 p. 38).

Segundo o autor (2001) os encontros realizados naquele tempo, os negros vinham em carros de bois e se agrupavam de baixo de uma grande árvore, que hoje se localiza a Praça Tubal Vilela. Ao se reunirem na praça, seguiam por uma trilha até a Capela de Nossa Senhora do Rosário, que por sua vez foi construída pelos negros com pau-a-pique e buritis, hoje e Praça Dr. Duarte, e ali realizavam a Festa. A Capela foi construída por volta de 1880. No passar dos anos a festa foi crescendo e sendo ampliada, tendo algumas mudanças, vendo a necessidade de construir a segunda Capela, na Praça Rui Barbosa, que com o crescimento da cidade foi ampliada e reconstruída com estrutura de madeira, tijolos de adobe e telha comum. A nova igreja foi inaugurada em 10 de maio de 1931. Por volta dos anos de 1987 e 1988, a Igreja Nossa Senhora do Rosário, foi tombada e restaurada, pertence ao Patrimônio Cultural da Cidade.

A Irmandade do Rosário congrega, atualmente, aproximadamente vinte e cinco ternos entre Congos, Marinheiros, Marujos, Catupés e Moçambique, fazem parte da festa Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Para que a festa se torne completa e importante, a presença do reinado que é composta por; Rei, Rainha e Príncipes, que desfilam em cortejo, se iniciando de seus quartéis, dando seguimento pelas ruas em direção a Igreja Nossa Senhora do Rosário.

Com base em Brasileiro (2008) durante a Festa do Congado de Uberlândia, os congadeiros mobilizam familiares e irmãos, num contínuo ritual de dança, de canto e de devoção religiosa, representados num mosaico multicolorido de vestimentas e de estandartes em desfiles pelas ruas, avenidas e em frente da Igreja do Rosário.

Atualmente, em Uberlândia e realizadas a festa de congado em duas ocasiões, no mês de Maio e Outubro (sempre no segundo domingo do mês). No mês de maio a festa de congado é realizado em louvor ao Santo São Benedito, que comemora a abolição da escravidão, a festa é realizada somente em um único dia no domingo. A festa de São Benedito e uma festa de porte pequeno participam pequenos grupos de congados aproximadamente seis ternos (com características de ternos de Moçambique, com vestimentas e ritmos africanizados) e para abrilhantarem a festa são convidados alguns grupos de congados de cidades próximas para completar a manifestação religiosa.

A igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, foi tombada como bem cultural de Uberlândia. Por sua vez, no ano de 2016 estará comemorando seu centenário, de muita devoção, fé, resistência e manifestação religiosa. A igreja possui toda uma estrutura para comportar estes fieis e participantes da festa do congado, juntamente com a parceria da secretaria de cultura Uberlândia. A festa de Nossa Senhora do Rosário tem uma percussão muito grande, mobilizando as partes culturais e grande grupo da raça (etnia) negra.

Os ternos de congado são separados por cores, ritmos e batuques individualizados, que misturam pelo glamour das vestimentas e das danças que despertam um olhar nas tradições e adoração aos santos ali comemorados. As vestias são baseadas em cada costume do próprio terno, se o terno for mais conservador as roupas das meninas são da bandeira e mais discretas, não saindo do padrão da hierarquia do seu terno.

As roupas dos soldados sempre seguem o padrão do seu terno, sendo uma cor única, com um só modelo, podendo dançar em outros anos sem que precise fazer outra roupa, mudando somente as roupas das meninas e madrinhas, que são feitas conforme cada terno. Cada terno é identificado pela cor, sendo cores fortes e vibrantes, nas cores, azuis e rosa, verde e amarelo, amarelo ouro, verde e branco, somente verde, laranja, branco e marrom, roxo e branco, amarelo e verde, azul e branco (variando de tonalidade de cores, azul claro, azul escuro), marrom e branco, rosa, azul e branco, somente na cor branca, azul e amarelo.

Os diferentes ritmos contagiam a todos ali presente na festa de congada, trazendo sempre as referências africanizadas, sendo cada terno de congado com sua personalidade própria e resgatando suas origens e raízes. A música muda a cada ritmo e assim se encaixando a cada terno de congado, trazendo lembranças de seus antepassados e músicas as quais

representam a história, suas raízes e o sofrimento de seus povos. Todas as músicas cantadas são versadas pelos capitães e soldados dos ternos, também improvisados e trazidos de geração para geração, havendo poucas mudanças, para as novas gerações. Os congadeiros se envolvem a cada verso cantando, a cada toque dos instrumentos, a cada ritmo dançado e sempre a adoração aos santos ali homenageados por esta manifestação religiosa.

A música constitui um importante meio de transmissão da sabedoria dos mais velhos e de educação das novas gerações. No congado prevalece o canto antifonal, isto é, um solista, geralmente o Primeiro Capitão, apresenta o tema e o coro responde. O Segundo Capitão com seu bastão e apito rege o ritmo dos tambores; cada capitão “puxa” uma série de cantigas que podem ser elaboradas por ele ou pelo grupo e ainda outras aprendidas com outros ternos ou com os antepassados. Segundo Martins (1997):

Algumas músicas são “tradicionalistas” do terno, passadas de capitão para capitão. Outras são específicas de cada guarda ou soldado. Existem também cantorias que são consideradas “segredo” que não podem ser reveladas para “os de fora” e que são aprendidas e “guardadas no coração”, só sendo executadas em cerimônias reservadas. (MARTINS, 1997, p.127).

Ao se referir na ludicidade da criança no congado, se retrata nas fortes referências e sua relevância nesta tradição. Seu papel é abrilhantar a festa e ser a prova viva que a tradição não está escondida e nem esquecida. Que o congado merece todo nosso respeito.

Ao analisar a ludicidade da criança na tradição do congado especificamente em Uberlândia, a criança torna o ponto primordial para esta manifestação. A criança tem papel relevante a tradição de congado, responsáveis por desempenhar determinadas funções e assumirem cargos importantes no terno. Ao referir aos meninos e jovens, e dado a eles determinadas funções que é desempenhada pelos responsáveis adultos do terno e repassado ao mesmo, uma destas responsabilidades seria, o uso de bastões e apitos (na maior parte acontece com filhos e netos donos de ternos) que simbolizam poder e respeito perante aos grupos de congados.

As meninas também tem um papel importante no terno, vindo afrente do terno levando a imagem dos santos homenageados Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, que é carregado somente por meninas e menores, simbolizando a pureza de Nossa Senhora. Cada terno de congado segue um ou dois estandartes que levam consigo as imagens que são homenageadas, sendo Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. As imagens são pintadas ou bordadas em pano e fixada em uma base de madeira, para as meninas da bandeira segurarem. Em cada estandarte é colocado uma quantidade relativa de meninas e fixada nele fitas para que as devotas da “Virgens do Rosário” segurem (e neste momento as meninas da bandeira

como são chamadas, cantam, dançam, louvam aos santos homenageados) e manifestam sua religiosidade e tradição.

O bastão é primordial na festa de congada, é a partir desse “objeto” que os donos dos ternos e os capitães conseguem comandar um terno, com uso do bastão e o apite adotados por todos ternos de congado, simbolizando respeito, muita devoção e fé. Cada bastão dos ternos de congado traz consigo uma história e, até mesmo, uma tradição passada de pai para filho. Homens e mulheres fazem o uso do bastão, mais é necessária toda uma hierarquia para seu uso. Acreditando na sua força ali transmitida naquele momento, resgatado as raízes africanas.

A presença forte da criança nesta manifestação religiosa vem crescendo com o passar do tempo e assim fortalecendo com a união de todos se tornando irmãos e defensores desta tradição de congado em Uberlândia, e assim prevalecendo o seu valor na fé, religiosidade, nos ritos, nas músicas e no soar dos instrumentos. Dando continuidade a esta tradição, as pessoas mais antigas e sabias desta cultura procura repassar para os pequenos herdeiros desta manifestação religiosa. Prezando suas origens afrodescendente que carregam consigo todo seu glamour nos batuques africanos, mostrando que ganha forças e resistência na tradição de congado que teve que lutar e luta até hoje pra que não acabe assim manifestando de maneira que no soar de suas vozes chegue a todos, que digam não a cultura, não a tradição de congado.

Reforça que a criança que permeia no rito religioso fortalece este laço entre o conhecimento com o aprendizado, por ter a função de passar de geração para geração, torna responsável por transmitir e absorver as informações ali passadas pelos seus sábios donos de ternos de congado.

Conclusões

Com este trabalho foi possível fazer uma pesquisa importante no resgate do Congado como manifestação religiosa e cultural para o fortalecimento da identidade afro-brasileira. Foi possível trabalhar o Congado e todos seus elementos constitutivos, sua origem, sua história e a resistência dos congadeiros na perpetuação dessa festa.

Entretanto, faz-se necessário que essa discussão seja feita também na escola junto às crianças para que elas tenham essas informações e formação sobre a origem do povo brasileiro. Espera-se com essa proposta de se levar o Congado até a escola, que a consciência da diversidade possa trazer uma cultura do respeito às diferenças e contribuir para uma maior

aceitação do diverso e melhor convívio entre as diferenças e assim com responsabilidade de dar continuidade a este marco constitutivo.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, A. P. (org.). **Congos, Moçambiques e Marinheiros: Olhares sobre o Patrimônio Cultural Afro-brasileiro de Uberlândia**. Uberlândia: Gráfica Composer Editora Ltda., 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

BRASILEIRO, J. **Congadas de Minas Gerais**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2001. _____ . **Cultura Afro-brasileira na Escola: o Congado em Sala de Aula**. São Paulo: Ícone, 2010. (Coleção conhecimento e vida).

CASCUDO, L. da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11.ed. São Paulo: Global, 2001.

CLEMENTE, C. C.; SILVA, J. C. G. (org.). **Negros, cultura e vida urbana: estudos etnográficos sobre o Congado**. Uberlândia (MG): Ed. dos Autores, 2013.

GABARRA, Larissa Oliveira. **Congado de Uberlândia: relíquias e memória**. In: *História e Perspectivas*. Uberlândia, jan-jun, 2006. p. 393-423. _____ . **O Reinado do Congo no Império do Brasil: O congado de Minas Gerais no século XIX e as memórias da África Central**. Rio de Janeiro: 2009. Tese de doutorado.

KATRIB, C. M. I.; FILHO, G. R.; BERNARDES, V. Ap. M. **História e Cultura Afro-brasileira**. Uberlândia, 2010.

MARRA, F. B.(org.) **Álbum de Família: famílias afro-descendentes no século XX em Uberlândia**. MG. VII, Uberlândia, 2005.

ROCHA, T. **A escola debaixo do pé de manga**. In: *Revista Presença Pedagógica*, v.11, n. 63, mai/jun. Belo Horizonte: Ed. Dimensão, 2005. (Entrevista).

VASCONCELOS, J. de. **Congado: Uma Celebração do Hibridismo Afro-Brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, Três Corações (MG), 2007.